1892 JANE DE LA VAUDÈRE

O Centenário de Emmanuel

TRADUÇÃO DE BRUNO MATANGRANO



CSRL

VISIT…

LANZAROTE Caliente.COM

1892 JANE DE LA VAUDÈRE

O Centenário de Emmanuel



TRADUÇÃO
DE BRUNO
MATANGRANO

SRL

1892 JANE DE LA VAUDÈRE

O Centenário de Emmanuel



TRADUÇÃO DE BRUNO MATANGRANO

SRL



Sociedade das Relíquias Literárias

Tradução:
Bruno Matangrano

Preparação:
Luiz Henrique Batista

Revisão:
Fernanda Fedrizzi

Capa e projeto gráfico:
Marina Avila

Ilustração de capa:
Jane Herkenhoff

2024 ISBN 978-85-67566-83-2

Copyright 2024 Editora Wish. **Este material possui direitos de tradução e publicação** e, ao não divulgá-lo sem prévia autorização da editora, você está nos ajudando a continuar publicando raridades para os leitores. Agradecemos por isso.



UMA RELÍQUIA DE 1892

Sinopse

Como e por que isso aconteceu? Não saberia dizer. Uma inteligência superior à nossa governa nosso destino. À sua vontade, vamos e voltamos até que lhe agrade cortar o fio frágil que nos prende à vida.

Emmanuel morreu há 30 anos e se lembra perfeitamente de sua vida passada. Em um novo corpo, ele vaga por sua existência atual como um pedinte, na esperança

de que alguém acredite que ele é a reencarnação do glorioso e celebrado poeta.

O Centenário de Emmanuel é um conto intenso sobre um homem atormentado. Escrito em 1892 pela controversa Jane de la Vaudère, a história chega com exclusividade na Sociedade das Relíquias Literárias.

Participe do Grupo

O grupo no Telegram é cheio de novidades e artes dos contos!

Papeie sobre este conto no:

t.me/sociedadewish

ou pesquise no app por

sociedadewish

Claro, reencarnamos, e cada um de nós, sem dúvida, já viveu várias existências. Morre um ser humano a cada segundo ao redor do globo terrestre. Em dez séculos, mais de trinta bilhões de cadáveres foram entregues à terra e postos, em seguida, em circulação geral sob forma de água, gás etc., e, pouco a pouco, formaram seres novos os quais as almas de antigos humanos vieram habitar. Se os elementos constitutivos dos corpos drenados da natureza lhe são devolvidos, cada um de nós carrega em si átomos que pertenceram precedentemente a outros corpos. A alma que nos anima permanece, de igual maneira, a cada molécula de nitrogênio ou de oxigênio, e todas as almas que viveram existem para sempre. Elas regem a matéria para organizar a forma viva do homem. Tudo muda, confunde-se e renova-se nessa imutável lei de amor que governa o mundo. Só que a passagem de um corpo para outro é inconsciente. Se, por vezes, bruscas reminiscências despertam em nós diante de um lugar conhecido, ainda que o examinemos pela primeira vez, as brumas de nossa inteligência ainda são espessas demais para nossa compreensão.

No entanto, por uma graça especial ou por um castigo inexplicável, a memória continuou permanente em mim e com certeza manteve minha identidade consciente. Sei que fui um grande e ilustre poeta em minha

encarnação precedente e reencontro todos os impulsos e prazeres que me tornaram célebre entre os homens. Talvez essas faculdades tenham se alargado ao mesmo tempo em que se aperfeiçoaram, e os doces poemas que outrora fizeram minha glória me parecem agora concepções de criança prodigiosa, mas sem experiência. Sinto-me em posse de uma arte mais jovem, mais vibrante, mais uniforme. Os pensamentos que se agitam em mim, como abelhas em uma colmeia fechada, querem apenas levantar voo. Mas os homens passam indiferentes ao meu lado; estou malvestido e não me alimento sempre que sinto fome. Quem então reconheceria em mim o grande Emmanuel?

***

Vaguei durante três dias nesta cidade que me evoca as mais estranhas lembranças. É a primeira vez que venho aqui e, contudo, tudo me é familiar. A ruela em que estou agora é estreita, feita de construções baixas, cinzentas e transpirantes as quais o sol mal ilumina. Profundas rachaduras dividem as paredes, o sol está pegajoso. Apesar do frio, uma espuma fétida jaz entre as pedras... Um raio de sol faz sua aparição. A parte de baixo das casas é recoberta por uma franja de sombra negra, e o céu espremido entre os oscilantes balcões parece uma lápide de pedra azulada e sem manchas.

Sim, eu me lembro: eis o riacho onde eu conduzia frotas de papel; eis a margem onde vinha me sentar, os pés na lama e a cabeça nas estrelas; eis o muro onde rabiscava meus primeiros versos há noventa e cinco anos! Só que morri desde então e ninguém reconheceria meu rosto, que não é mais o mesmo de antigamente. Morri há trinta anos e minha alma, depois de ter errado no infinito, desceu de volta à Terra e reencarnou. Como e por que isso aconteceu? Não saberia dizer. Uma inteligência superior à nossa governa nosso destino. À sua vontade, vamos e voltamos até que lhe agrade cortar o fio frágil que nos prende à vida.

Fui rico, poderoso, idolatrado. Os arcos do triunfo se erguiam acima de minha cabeça, os braços da multidão formando para mim um trono glorioso. Quando passava, belas damas me jogavam as flores dos corseletes, e os homens me aclamavam como a um monarca.

Quando morri, o luto foi universal. Quinhentas mil pessoas seguiram meu cortejo. O desfile de emblemas fúnebres, coroas e carros oficiais enfeitados durou um dia inteiro. As varandas se velaram com cortinas negras, as lojas fecharam, toda a França lamentou.

Hoje, ignoram-me. Minhas obras novas não encontram editor, enquanto as antigas, nas vitrines das livrarias, nunca têm tempo de enrugar as belas capas amarelo-ouro. E eu as invejo, essas filhas de minha juventude. Eu as desprezo! Eu as odeio! Para que me serviu adquirir a experiência de duas existências se meu talento refinado, minha mais poderosa genialidade, não pode vencer a rotina e o preconceito! Mesmo quando me acontece de ler, na intimidade, uma dessas belas estrofes que, ardentes, jorraram de minha alma em palavras de fogo com as quais ainda tremo de espanto, o amigo complacente que me escuta levanta desdenhosamente os ombros e me diz:

— Veja, depois de Emmanuel, a poesia está morta. Releia a obra dele e trate de se inspirar em suas notas divinas.

Não posso gritar de volta:

— Eu sou Emmanuel! Não percebe que o mesmo sopro nos anima? Que os versos belíssimos dele, concordo que são belos, não tem o acabamento e o esplendor dos meus? Sou o Emmanuel, mas um Emmanuel mais jovem, mais vibrante, mais completo, um Emmanuel que não ignora mais nada, que o túmulo cobriu com uma sombra para torná-lo mais robusto e melhor.

Não, não posso gritar isso. Ele acharia que estou louco e me abandonaria. Ora, gosto desse amigo, só tenho a ele. Sem parentes, sem lar, sem proteção, cresci como pude, vivendo de esmolas e consagrando ao trabalho as poucas moedas recolhidas ao acaso. A fome dilacerou minhas entranhas, o frio enrijeceu meus membros, o assassinato tentou meu braço. Mas o lodo sangrento da realidade logo desaparecia e, se meu pensamento por vezes encharcava nele suas asas, era apenas para melhor limpá-los com as velas do azul ideal da eterna ficção!

O verdadeiro poeta tem apenas a preocupação mística do imperecível, e seu altivo cavalheirismo o fada quase sempre ao fracasso. Ele canta perdidamente seu

cântico eterno, desdenhando da vontade de se fazer compreender por aqueles que, tomados por preconceito, permanecem surdos aos humildes e aos resignados.

Um dia em que, sucumbindo de fome e de tristeza, deixei-me cair em um banco, um rapaz um pouco menos pobremente vestido do que eu veio me oferecer seu sótão e um pouco de pão. Eu o segui, e, desde então, não nos deixamos mais.

Ele é o companheiro de minhas vigílias e de meus desesperos. Eu o amo com toda a força de meu pobre coração ferido. Sim, eu o amo tanto quanto se pode amar, mas ele me ignora, e seu sarcasmo soma ao meu amargor. Ó, genialidade! Dom inútil e cruel que dobra os sofrimentos e crucifica as almas, o acaso a imortaliza e o acaso a mata! Quem saberá quantas cordas puras e vibrantes se partiram sob o arco da miséria? Quantos soluços ressoaram sem despertar os ecos indiferentes? O sucesso que por vezes nos coroa tem sempre um riso irônico no canto dos lábios, colocando rosas dolorosas sobre nossas frontes, feitas com a carne e o sangue de nossos irmãos ignorados.

Ai de mim! Que justiça esperar do homem, desse ser leve que se move ao sabor do vento, sem lhe opor mais resistência do que um pedaço de palha? Qual é a glória terrestre? Uma ilusão como as outras. A imortalidade, um terrível engodo! A genialidade, outrora tão idolatrada, será desconhecida ou desprezada por seus mais fervorosos defensores, se agradar ao Mestre abrir outra vez para ele as portas do túmulo... Eu voltei e agora sou expulso!

***

Para renovar minhas lembranças, quis contemplar hoje meu primeiro berço e extrair de minha antiga glória um pouco de consolo e força. Estão celebrando meu centenário: o centenário de Emmanuel! Os oradores preparam discursos, e a gentalha se apressa diante de minha morada. É esta velha casa de degraus desiguais e paredes rachadas designada por uma piedosa inscrição para a veneração dos passantes.

Quero romper a aglomeração, mas sou brutalmente jogado sobre os paralelepípedos. Meu chapéu rola até cair no riacho. Não me atrevo a recolhê-lo

no estado em que ficou.

— Meus amigos — digo docemente —, deixem-me passar, gostaria de entrar nessa casa.

— Ora essa agora, mas por que esse *senhor* gostaria de ver melhor do que nós? — fala uma comadre. — Ele já não se distingue tão bem?

Eu me calo, envergonhado. A mulher me empurra com desprezo.

Duas horas se passam: a velha construção me atrai cada vez mais. Decoraram-na com trepadeiras e bandeiras. A multidão se espreme no estreito corredor. É lá que minha mãe — a primeira, aquela que conheci — conduzia-me à noite. Eu tinha medo da sombra, e apertava bem forte sua mão entre as minhas.

Ó, boa mãe! Irei rezar em seu túmulo, e talvez você reconhecerá a criança que embalava docemente sobre os joelhos, cantando como cantam as mães, com uma voz amorosa e carinhosa! Eis a janela de meu quarto: é mais alta e estreita do que as outras. Eu subia em uma cadeira para olhar para a rua nos belos dias ensolarados. Eles não a conhecem, essas pessoas que entram e saem sem nem mesmo dar uma olhada sobre o pobre casebre. Reza a lenda que foi no grande cômodo de baixo que passei minha infância, mas bem sei que meus pais, pobres demais, alugavam-no mobiliado para estrangeiros por sessenta francos mensais.

A rua se esvazia: os suburbanos vão receber na estação de trem as comissões de eruditos de cada departamento[1] e as numerosas companhias musicais que devem participar do festival. O ministro da instrução pública toma o café da manhã na prefeitura com os artistas da *Comédie-Française*[2] que interpretaram algumas de minhas obras. Ontem, celebravam o político; hoje, festeja-se o poeta. Amanhã honrarão o homem da família e o religioso. Dois arcebispos falarão em seu favor. Por toda parte há mesas copiosas de cafés da manhã literários, mas não tenho um pedaço de pão para dar uma mordida! A hospitalidade aqui é muito ampla, cada personagem local tem seus convivas. Sob as janelas desfilam as alegres fanfarras; o cortejo oficial se forma e segue as delegações para prestar homenagem à minha estátua. Deus, como tenho fome! Quero tomar um lugar nas fileiras, mas me mandam embora com indignação. É verdade que minhas roupas estão usadas e que minha feição abatida em nada inspira confiança. Todo mundo,

inclusive os acadêmicos mais jovens, atravessa a cidade a pé. A maior parte das delegações carrega coroas de louros de ouro ou buquês de perpétuas. Os espectadores aclamam freneticamente. Um suor frio verte de minha testa e escorre sobre meu rosto; meus olhos ficam ofuscados; no entanto, quero ver, quero lutar até o fim. Talvez alguém reconheça a nobre inteligência que se esconde em mim.

— Emmanuel não está morto... Emmanuel...! Emmanuel...!

Minha voz domina todas as outras; olham-me com vaias, algumas mãos se estendem para me agarrar, mas outro espetáculo chama a atenção. Sobre a grande praça da cidade onde se ergue minha estátua, uma tenda foi preparada para o ministro e os principais membros do cortejo oficial. A fanfarra estoura em notas estridentes; depois, todos os corais reunidos entoam um hino formidável.

Caio esmagado sobre uma mureta, as pernas trêmulas, a garganta seca. Como em um devaneio, escuto alguns discursos em sequência, aos quais numerosas condecorações da Legião de Honra são entregues aos amigos e aos parentes de Emmanuel. Perto de mim, passa minha sobrinha-neta; ela está muito bonita em um vestido claro pregueado, e uma grande expressão de doçura se espalha em seu rosto. Quero alcançá-la, mas ela me olha com pavor, um grito expira de seus lábios. Eu lhe causei medo, ai de mim! Também ela não me reconhece! De todas as angústias que senti até aquele momento, esta talvez seja a mais dolorosa. Uma infinita tristeza inunda meu coração, afoga até as menores fibras de meu ser. Algumas lágrimas caem de meus olhos. O quê? Sou eu! O mesmo que estão aclamando! Nunca um humano foi mais admirado, e agora estou morrendo como um pária!

Então, o cortejo se dirige para o hall onde deve se abrir a cerimônia solene. Amontoados de plantas verdes por toda parte, apesar do frio, coroas de hera e de louro salpicadas de flores de ouro, faixas sobre as quais se lê o título de minhas principais obras. As personalidades oficiais sobem no palco largo, o público invade a sala e, empurrado pelo fluxo, eu me vejo nas primeiras fileiras. É uma confusão, um amontoado humano inaudito. Discursos muito calorosos são pronunciados pelos acadêmicos que trajam, com falsa modéstia, esse fardão com palmas verdes desenhado por David no Primeiro Império[3].

Os poetas também trazem seus tributos de homenagens, um entusiasta panegírico de minhas obras. De repente, repleto de inspiração e potência, ergo-me e corto a multidão, com uma força irresistível. Sinto-me capaz de enfrentar toda a fúria, toda a injúria; estou transformado, invencível; meu olhar irradia um tal brilho que os imortais se empurram em um movimento involuntário de recuo. Dou um grito de triunfo, e, com uma voz retumbante, declamo os versos ardentes que me sobem do coração aos lábios; as rimas de ouro correm como um rio ofuscante, as imagens felizes, as visões divinas, as notas perdidas, o trovão das paixões e o murmúrio das carícias passam alternadamente em minhas estrofes. Nunca, creio, fui tão grandiloquente, tão emotivo, tão sincero. Conto sobre minha juventude, minhas primeiras viagens ao país das estrelas, meus primeiros passos na arte de encantar os homens, meus sonhos, meus projetos, minhas ambições, meus desesperos. A alma de Emmanuel inteirinha vibra em minha entonação. Parece-me impossível que não a reconheçam. Termino com um verso radiante como um toque de clarinete onde passou o sopro do além. Cambaleando, lanço ao meu redor olhares perdidos. A sala, sem dúvida, vai colapsar sob os aplausos, o bater de pés e mil braços vão se estender em minha direção num ímpeto de entusiasmo involuntário. É enfim o triunfo da verdade e da justiça... Eu me sinto desfalecer... Um silêncio glacial reina na plateia. Os acadêmicos se olham, até que um deles, o mais careca e envergado, deixa escapar essas simples palavras:

— Este homem é louco!

Logo, as mais terríveis vociferações se fazem ouvir; arrastam-me para fora da sala, insultam-me, cospem na minha cara. E, atrás de mim, a fanfarra toca uma marcha triunfal para cobrir meus soluços e gritos de angústia.

Ó, multidão insensata e covarde! Onde então está sua inteligência, onde então está sua piedade...? Você ao menos compreende esses versos que aclama, esses versos do Emmanuel defunto? Já que os do Emmanuel ressuscitado nada provocam além de seu desprezo! Olhares cintilantes se viram para mim, vaias me perseguem, e como eu me detenho no limite de minhas forças, batem em mim, pisoteiam-me. Logo minhas mãos e meu rosto vertem sangue, minhas roupas se vão aos pedaços... Eu perco a consciência.

***

Quando volto a mim, encontro-me deitado diante de um café brilhantemente iluminado. Soam oito horas na catedral, e as mesas são colocadas. Os pratos circulam, o vinho corre solto. Meu estômago se aperta dolorosamente, um intolerável sofrimento me lembra de que não comi nada desde a véspera. Faço um esforço para me levantar, mas meu braço está deslocado, e caio outra vez, gemendo. Estamos no momento do discurso: os mais eminentes entre os convivas se levantam, e, após ter calorosamente celebrado minhas obras e meus méritos, bebem à minha glória eterna. Apalpo meus bolsos os quais, esta manhã, continham algumas moedas: estão vazios. Contudo, eis um garçom carregando restos de carne e garrafas. Faço um novo esforço e digo, estendendo para ele minhas mãos suplicantes:

— Um pouco de pão, meu amigo, estou ferido e muito fraco; nada além de um pedaço de pão, eu lhe suplico!

O homem me considera com desconfiança.

— Mais um mendigo — diz ele. — Deveriam meter todos esses pedintes na prisão! Então você não pode trabalhar, verme?

— Estou com o braço deslocado, estou sofrendo muito.

— Então vá para o hospital. Um braço deslocado não o impede de andar. Pegue, para comer na estrada.

Ele me atirou uma casca de pão e se afastou praguejando. As estrelas acendiam-se no céu, um vento áspero soprava sobre a grande praça onde minha estátua se erguia branquinha como um morto em uma mortalha. Levantei-me com dificuldade, não sabendo onde passar a noite, e me afastei pelos becos estreitos e passagens aquecidas pelo vaivém do povinho: deserdados e esfarrapados como eu. Detinha-me por momentos sob as varandas para retomar o fôlego, meu olhar passando ao longo das janelas de venezianas fechadas, onde as luzes de um poste a gás destacavam por vezes um mascarão[4] esculpido acima de um balcão com uma extravagante grade arredondada de ferro. Mas o frio do calçamento me arrancava de minha contemplação, eu voltava a andar vacilando, as costas curvadas para oferecer menos área para as chibatadas do ar gelado da noite. Ia, ao acaso, com a esperança vaga de encontrar um abrigo, de meu destino

interessar a um passante. Demorava à porta dos cabarés, tendo notado que, cada vez que os clientes entravam ou saíam, um pouco do bom calor de dentro chegava até mim.

Passando em um bairro deserto, um cão perdido veio se esfregar timidamente contra minhas pernas. Fiz-lhe algumas carícias e ele seguiu meus passos, dando gritinhos alegres e contorcendo toda sua carcaça magra de morto de fome. Pobre amigo! Foi o último que encontrei.

Ó, solidão! Atroz solidão na privação e no desespero! Não é já a senhora o começo da morte...?

No contato com o triste animal desprezado e mendicante como eu, um pouco de calor me voltou ao coração, uma lágrima caiu de meus olhos. Continuei meu caminho, detendo-me, no entanto, maquinalmente outras vezes, de tempos em tempos, diante das vitrines das rotisserias. Grandes chamas rosadas brilhavam no interior. Suculentas e douradas, as aves nos espetos emanavam aromas de comida penetrantes e convidativos. As papilas de minha língua tremulavam de cobiça. Meu companheiro, que também parecia se deleitar com aquela visão, levantava para mim seu olhar selvagem e brilhante numa ardente súplica... Logo, as lojas fecharam e não tive mais a fonte de calor vinda das portas batendo com o vaivém dos clientes. O ar se tornara úmido e glacial, tudo quedava em um silêncio mortal, com o tremor vago dos fios de gás ardendo como velas ao longo das calçadas desertas. Um grande arrepio me percorreu os ossos; o próprio amargor de meu destino já tinha ido embora. De que servia maldizer e blasfemar? Não era tudo inútil...?

Com a alma dolorida, as pernas exaustas e a barriga vazia, partia outra vez. As casas eram cada vez mais raras; logo não havia mais nenhuma, e eu me vi em uma zona rural.

As nuvens cinzentas percorriam o céu, empurradas pelo vento; as árvores desnudadas se retorciam nas trevas. Sentia agora uma fome abominável, daquelas que atiçam os lobos contra os homens. Extenuado, esticava as pernas penosamente, e, com a cabeça pesada, o sangue zumbindo nas têmporas, os olhos vermelhos, falava em voz alta, sob a obsessão de ideias incoerentes. Sentia-me

fraquejar, uma lassidão me assediava: era o colapso de meus flancos curvados, uma anquilose dos joelhos que não era mais capaz de dobrar, uma contração tão dolorosa dos dedos do pé, como se caminhasse sobre chapas de metal já vermelhas de tão quentes.

— Meu Deus! Meu Deus! — murmurei.

Minha garganta se dilacerava em latidos de tosse, meu peito descoberto pinçava até o fígado como se pela mordida de presas implacáveis. Andei mais alguns metros, depois, caí em uma vala. A agonia mortal começou pungente, atroz, tão terrível que por um supremo esforço consegui ficar em pé sobre minhas pobres pernas já mortas e caminhei na sombra, um trapo miserável agitado pelo tormento. "Ah, os homens, os insensatos!" Esse grito vibrou ironicamente, os ecos repercutindo ao longe. Peguei em meus bolsos minhas últimas poesias recopiadas de uma grande escrita de sonho, rasgando-as com raiva, pisoteando os restos sobre o chão lamacento.

Meu peito ficava cada vez mais apertado, gemidos escapavam de minha garganta, batidas de sinos martelavam minhas têmporas; ao meu redor, ouviam-se as colisões tumultuosas de ferro derretido, o estrondo de um trem saltando a toda velocidade, o som do mar submergindo o mundo... E o sofrimento de meus membros, o sofrimento de meu ventre, o sofrimento de meu coração me subia à cabeça como uma temível embriaguez, fazendo nascer em meu cérebro pensamentos criminosos... Caí outra vez e perdi a consciência... Quanto tempo fiquei assim, não saberia dizer. Um hálito morno sobre meu rosto me despertou. O pobre cão escondido ao meu lado me esquentava com seu corpo e tentava fazer tímidas carícias para me tirar de minha dormência. Surpreendi-me por não estar mais sofrendo, por me sentir descansado e menos fraco.

Agora, a chuva caía fina, apertada, gelada. Voltei para a estrada para retornar a Paris, para a casa de meu companheiro de infortúnios. Mas não tinha mais uma ideia nítida das distâncias. Paris era a salvação, a esperança reconquistada... Por que então tinha vindo para aquele lugar de agonia? Lembro e um riso estrondoso vibra na noite: Ah, sim, a glória...! O centenário de Emmanuel!

Amarrei em torno de meu pescoço o que restava de meu lenço, a fim de impedir que parte da água gelada escorresse pelas costas; mas logo senti que ela atravessava o tecido fino de minhas roupas e serpenteava pelo peito descoberto. De novo, intoleráveis mordidas me dilaceravam as entranhas, pinçadas de fogo me esmagavam os ossos; depois pareceu que a morte me invadia devagar, docemente, como uma carícia aterradora. Ora bem, tanto melhor! Para que servia lutar? A morte não é o que há de mais invejável, já que a felicidade e a justiça são tão raras neste mundo, conduzidas apenas pelo acaso?

Quem era o Emmanuel de outrora perto do Emmanuel de hoje? Um palhaço inspirado ao qual a verdadeira fé nunca tocara com seu ímpeto, que ignorava a potência das lágrimas, a eloquência dos gritos de angústia. Ele cantara os horizontes calmos, os vales floridos e todas as belezas banais da natureza. Já eu conhecia os precipícios malditos, os abismos sem fundo. Sobre minha cabeça, os céus berravam, se abrindo em cataratas. Os bosques se curvavam com gemidos, os infernos uivavam na debandada de larvas hediondas, eternamente retorcidas e machucadas; tudo existia, tudo vibrava, tudo explodia com o irresistível poder da dor! Oh, que poemas! Que cantos terrivelmente belos teriam saído de minha alma ardente! Que soluços, que gritos de condenados, que blasfêmias e que preces!

Sentia-me grande e forte; círculos de luz passavam diante de meus olhos ofuscados, caminhava batendo no ar com as mãos, o cérebro explodindo de entusiasmo. Não sofria mais, visões divinas me transfiguravam: grandes paisagens de luz com folhagens de cobre, com céus de rubis; a areia da manhã fumegava sob meus passos como a poeira de um incensário; flores de fogo floresciam em cruz, barrando o céu com cálices imensos, como uma brasa de pedrarias. Depois, o cenário mudou: um rio de ouro agora corria a meus pés, com pupilas flamejantes que me olhavam da outra margem. Pupilas sem corpo, misturadas em uma névoa de sangue. A planície imensa, até o fundo do horizonte, estava nua e esbranquiçada por inúmeras ossadas. Escutava uma música divina de tal forma enfeitiçante que me sentia morrer deliciosamente. A harmonia escorria em minhas veias sua onda voluptuosa. Estava aquecido, apesar da chuva que vertia em minhas roupas.

Enquanto meu corpo miserável ia embora pela estrada enlameada,

tropeçando nas pedras, recolhendo todo o barro das sarjetas, minha alma, de asas estendidas, planava na imensidão azul... E minha voz se elevava, dominando o estrondo da tempestade; elevava-se ao som de notas de clarim, contando à natureza minha alegria, meus tormentos, o inferno de minha vida e a luz ensolarada de meu sonho. Falava, falava, e as grandes árvores se inclinavam com murmúrios; os clamores agudos do vento estremeciam com os ecos como os aplausos de um público em delírio.

De repente, assim como as cortinas que retiramos de um tabernáculo, as nuvens de prata, enrolando-se em largas espirais, descobriam o sol monstruoso, terrível, como um lago de chamas! Bruscamente, parei de me escutar; tudo se tornou vago... As agitações da natureza esmoreceram ao meu redor, uma dor atroz me atravessou o cérebro e me pareceu cair no nada...

***

Este estranho relato foi feito no hospital por um pobre louco atropelado por uma carroça em uma estrada deserta nas primeiras horas da manhã. O condutor, ainda meio adormecido, não conseguiu conter os cavalos a tempo. A roda do carro passou sobre as pernas do infeliz, esmigalhando-as acima do joelho. Teve-se de executar a amputação, mas o doente estava em um tal estado de esgotamento que morreu algumas horas depois.

The End



Extra: Biografia de Mary de Morgan

Jane de la Vaudère é o pseudônimo de Jeanne Scrive. Romancista, poetisa e dramaturga francesa, ela nasceu em 15 de abril de 1857. Ao final do século XIX a Europa vivia o período conhecido como Belle Époque, um momento de extremo entusiasmo causado por avanços tecnológicos, modernização e progresso. Essa euforia se refletia em grandes centros urbanos, principalmente em Paris, cidade onde Jane nasceu e viveu grande parte de sua vida.

Jane era o retrato de uma sociedade contraditória, que via um mundo em constante mudança, com diversos movimentos progressistas ganhando espaço, ao mesmo tempo em que muitas visões conservadoras ainda serviam como âncora. Hoje, assim como outras autoras de seu tempo, Jane permanece relativamente

desconhecida, apesar das controvérsias e da fama que já foram associados à sua vida e escrita.

Nas últimas décadas do século XIX, quando La Vaudère atingiu a maioridade, muitas escritoras viviam um contexto de muita produtividade literária. As mulheres estavam publicando em números recordes. Além do maior acesso da população europeia no geral às publicações impressas, a França passava por uma série de reformas educacionais que gradualmente abriram mais as portas para as mulheres à educação, à alfabetização e a novas possibilidades profissionais como um todo.

Como muitas de suas personagens fictícias, ela rompeu com padrões tradicionais de feminilidade, abordando questões como sexualidade, igualdade de gênero e relações amorosas. Ao mesmo tempo, também criticou movimentos organizados, suas pautas e foi criticada por algumas representações de personagens femininas em algumas de suas obras. O feminismo de La Vaudère é contraditório e inconsistente, ao mesmo tempo radical e conservador, mas sempre à par dos debates em voga, na época.

La Vaudère foi uma prolífica escritora, tendo publicado mais de quarenta romances, peças, coletâneas de poesia, editoriais, contos, romances em série e contribuiu para diversos periódicos ao longo de sua carreira. Jane soube se manter relevante, adaptando-se às tendências literárias e entendendo as demandas dos leitores da época.

Ela navegou por múltiplos gêneros (poesia, contos, peças, romances, editoriais), movimentos literários (naturalismo, decadentismo) e questões sociais (feminismo, casamento, divórcio, educação) para apelar habilmente aos interesses dos leitores. Entretanto, Jane de la Vaudère também conquistou a fama de ser uma suposta plagiadora.

Em Resurrecting Jane de la Vaudère: Literary Shapeshifter of the Belle Époque, a autora Sharon Larson afirma: “como uma múmia, ela se envolveu em uma colcha de retalhos de vozes e recorreu a uma miríade de discursos para preservar sua personalidade das demandas artísticas e sociais impostas às escritoras”.

Existem pouquíssimos documentos e registros que permitam entender a fundo quem foi, de fato, a Jeanne Scrive por trás de Jane de la Vaudère. A maior parte de suas cartas, manuscritos e documentações pessoais se perdeu ou está espalhada em acervos pouco acessíveis. Mesmo tendo publicado tanto e conquistado fama enquanto era viva, a mulher permanece quase um mistério.

Como recomendado por Sharon Larson, olhar para a obra de Jane de la Vaudère é espiar pela janela do passado e entender um pouco mais os tratos sociais, artísticos e ideológicos exigidos das autoras de sua época. Viaje no tempo com O Centenário de Emmanuel, publicado em 1892, que chega com exclusividade à Sociedade das Relíquias Literárias.

Deixe sua avaliação no Skoob ♥

Busque por

O Centenário de Emmanuel

Participe do Grupo

O grupo no Telegram é cheio de novidades e artes dos contos!

Papeie sobre este conto no:

t.me/sociedadewish

Profissionais que trabalharam neste conto



Bruno Matangrano

TRADUÇÃO

Escritor, pesquisador, doutor em Letras (USP) e professor na Escola Normal Superior de Lyon (França).

Facebook: @bruno.matangrano



Luiz Henrique Batista

PREPARAÇÃO

Luiz Henrique Batista é gaúcho, jornalista por formação, professor de inglês e tradutor.

@luizhbatista7

luizhsbatista7@gmail.com

Fernanda Fedrizzi

REVISÃO

Editora, produtora editorial, preparadora de textos e revisora. Jornalista, especialista em Jornalismo Literário; com MBA em Gestão de Projetos.



Jane Herkenhoff

ILUSTRAÇÃO

É uma multiartista que transita entre ilustração, motion design e edição de vídeo. **@jane.herkenhoff**



Marina Avila

PROJETO GRÁFICO

Produtora editorial e fundadora da Wish. Mãe de gatos e de livros.
@marinalivros



Juliana Daglio

GESTÃO EDITORIAL

Escritora agenciada pela Increasy e publicada pela Record. Gestora editorial na Wish e psicóloga clínica.

@judaglio2



Laura Brand

MEDIAÇÃO E PARATEXTOS

Editora, coordenadora editorial, jornalista e criadora de conteúdo. Formada pela PUC-MG e Columbia Journalism School. **@nostalgiacinza**

Muito obrigada por apoiar este financiamento coletivo!

Neste mês foi possível viabilizar a curadoria, tradução, revisão e ilustração do conto *Le Centenaire D'Emmanuel*! A cada mês de assinatura, a Wish continuará resgatando os tesouros do passado em novas edições para os caçadores das Relíquias Literárias.

Vamos resgatar estes contos raros juntos?

Relíquia 051/Jun 2024



NO PRÓXIMO MÊS

Um conto de fadas

1 Divisão administrativa do território francês criada após a Revolução de 1789. Atualmente, o país é dividido em 101 departamentos, cada um deles composto por vários municípios, como os estados brasileiros.

2 Nome de um dos mais célebres teatros franceses, fundado em 1680 e ainda em atividade na capital francesa.

3 Os "acadêmicos" são os membros da Academia Francesa de Letras, instituição fundada em 1634, cujo modelo inspirou a Academia Brasileira de Letras. Seus membros — como os seus colegas brasileiros — envergam um fardão verde bastante característico, com desenhos dourados de flores na lapela, encomendado por Napoleão Bonaparte, cujo reinado é conhecido como o Primeiro Império.

4 Esculturas de rostos assustadores, frequentes nas fachadas dos prédios de várias cidades europeias.